

# **A PRODUÇÃO ACADÊMICA DE MÃES, PROFESSORAS UNIVERSITÁRIAS, EM TEMPOS DE PANDEMIA: DIÁLOGOS ACERCA DA IDEOLOGIA DA MATERNIDADE E DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO**

## *THE ACADEMIC PRODUCTION OF MOTHERS, UNIVERSITY THEACHERS, IN TIMES OF PANDEMIC: DIALOGUES ABOUT THE IDEOLOGY OF MOTHERHOOD AND THE SEXUAL DIVISION OF LABOR*

Flávia Colen Meniconi\*

Danillo da Silva Feitosa\*\*

Samuel Barbosa Silva\*\*\*

**RESUMO:** O estudo discute a realidade de mães, professoras universitárias, no que tange às dificuldades que têm enfrentado em relação à pesquisa e produção acadêmica, em tempos de Coronavírus Covid-19. Para tanto, utilizamos como base teórica as teorias de gênero textual, do letramento acadêmico, do trabalho e do modo de produção/reprodução social que atravessam as vidas humanas. A metodologia segue a abordagem quanti-qualitativa e, para a coleta e análise de dados, aplicamos um questionário semiestruturado. O questionário foi composto por perguntas discursivas e de múltipla escolha, o qual foi respondido por 48 professoras de diferentes lugares do Brasil. Por fim, após a análise dos dados obtidos, constatamos que a ideologia da maternidade opera para justificar a sobrecarga de trabalho doméstico, o que reflete na produtividade acadêmica das docentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Produção acadêmica. Ideologia da Maternidade. Patriarcado.

---

\* Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas. Professora adjunta do curso de Letras Espanhola Universidade Federal de Alagoas, Ufal, Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: flavia.meniconi@fale.ufal.br.

\*\* Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Alagoas, PPGE/Ufal. E-mail: q.danillo@gmail.com.

\*\*\* Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas e professor da NEAD-UFPE. E-mail: samuca.bs@gmail.com.

**ABSTRACT:** The study discusses the reality of mothers, university professors, regarding the difficulties they have faced in relation to research and academic production, in times of Coronavirus Covid-19. Therefore, we use as theoretical basis the theories of textual genre, academic literacy, work and the mode of production/social reproduction that permeate human lives. The methodology follows the quantitative-qualitative approach, and, for data collection and analysis, we apply a semistructured questionnaire. The questionnaire consisted of discursive and multiple-choice questions, which were answered by 48 teachers from different places of Brazil. Finally, after analyzing the data obtained, it could be stated that the ideology of motherhood operates to justify the overload of domestic work, which reflects on the academic productivity of the professors.

**KEYWORDS:** Academic production. Maternity ideology. Patriarchy.

## INTRODUÇÃO

O contexto de isolamento social, imposto pelo Coronavírus Covid-19, obrigou-nos a abandonar um importante espaço de pesquisa e produção acadêmica: a Universidade. Se antes poderíamos utilizar as bibliotecas, as salas de aula, as salas de permanência e outros locais da instituição para o desenvolvimento de reuniões, estudos, investigações e produção científica, hoje estes passaram a se constituir em um dos espaços mais temidos por nós, já que contribuem para a alta disseminação da doença que, atualmente, levou a óbito mais de seiscentos e dezesseis mil pessoas no Brasil.<sup>1</sup>

Neste novo cenário, fomos obrigados a carregar, quase que integralmente, a universidade para o interior de nossas casas. Em nossos quartos, salas e, até mesmo, cozinhas, passamos a buscar locais reservados para a participação das atividades acadêmicas essenciais, tais como as reuniões de trabalho, orientação de pesquisas e produções escritas. Entretanto, por vezes, a harmonia de nossos ambientes é prejudicada por barulhos vindos da rua, do interfone, da campainha, falhas de conexão da internet, diferentes demandas de pessoas com as quais convivemos, entre outros. Este é o novo cenário de atuação docente. E, nesse atual contexto, vem-nos a seguinte indagação: como está a produção acadêmica das mães que são professoras da universidade? Pesquisar as mães, pesquisadoras e professoras da universidade, implica em adentrar em um universo particular, muitas vezes, marcado por machismos, preconceitos e injustiças. Em meio a todos esses problemas, as professoras universitárias que são mães enfrentam ainda outros desafios em relação à carreira durante o período de isolamento social: dar continuidade às suas atividades de pesquisa e produção acadêmica no interior de seus lares.

---

<sup>1</sup> Destacamos que o referido número de óbitos corresponde aos dados levantados até o final da escrita deste artigo, até 14 de dezembro de 2021.

Sabemos que esforços cognitivos requeridos para a concretização de tais atividades demandam, muitas vezes, a combinação de diferentes fatores: concentração, tempo, isolamento, equilíbrio emocional, entre outros. E como articular todos esses elementos em relação ao cuidado da família e das funções domésticas? As mães, professoras universitárias, têm contado com a participação dos conjugues ou ajudas de pessoas externas durante a pandemia? O que têm conseguido produzir academicamente? Atualmente, quais têm sido as principais dificuldades enfrentadas em relação à pesquisa e produção textual? Quais são as características dessas mães/professoras da universidade quanto à cor, idade, número dos filhos e estado civil?

Na tentativa de compreender com mais profundidade tais questões, desenvolvemos este estudo, buscando aprofundar nossos conhecimentos e discutir, à luz de teorias relacionadas à linguística textual, letramento acadêmico, patriarcado e a divisão sexual do trabalho, os principais problemas enfrentados por essas mulheres, durante o período de Coronavírus Covid-19, no que diz respeito, mais especificamente, à produção acadêmica.

Para tanto, inicialmente, apresentaremos as teorias referentes aos gêneros textuais acadêmicos e à ideologia da maternidade que, por sua vez, respaldaram as discussões tecidas ao longo do estudo desenvolvido. Posteriormente, trazemos a exposição da metodologia que orientou a coleta e discussão acerca dos dados gerados. Por fim, apresentamos a análise de dados, esta alicerçada em discussões teóricas sobre a estrutura do patriarcado, além de nossas conclusões no que tange aos resultados do estudo realizado.

### **ESCRITA ACADÊMICA, DE PROFESSORAS UNIVERSITÁRIAS, EM TEMPOS DE COVID-19**

No contexto universitário, o desenvolvimento de pesquisas e as produções escritas de diferentes gêneros acadêmicos se constituem como uma das principais atividades de produção e difusão do conhecimento científico de docentes e discentes. De acordo com Alves e Moura (2016, p. 78), é possível observar, no âmbito da universidade, a existência de uma “exigência da produção de gêneros acadêmicos, seja para livre produção, visando à socialização de conhecimentos, seja para comprovação de produtividade”.

Deste modo, no contexto do trabalho acadêmico, frequentemente, ainda que de forma diferenciada, os docentes se deparam com a exigência de produções de gêneros semelhantes quanto às estruturas enunciativas e aos meios de circulação, tais como: resumos de pesquisas acadêmicos, relatórios técnicos e científicos, pareceres, artigos, capítulos, entre outros. Entretanto, a vivência e a produção desses gêneros podem variar no âmbito das experiências individuais docentes e de suas participações em eventos sociais de práticas letradas acadêmicas.

Nessa perspectiva, entendemos que as relações de poder e culturais imbricadas no universo acadêmico podem influenciar as experiências de produção escrita acadêmica de artigos científicos, por exemplo. Estudos quantitativos sobre a participação das mulheres em

produções acadêmicas “mostram que as diferenças de gênero permanecem em aspectos como menor participação feminina, mais interrupções na carreira, menores índices de publicação e citações” (COELHO; ELINAS; SANTOS, 2019, p. 3). Os autores esclarecem que a pouca participação das mulheres no campo das ciências está relacionada à divisão sexual do trabalho e à naturalização da inferioridade das mulheres em relação aos homens.

Ainda, no que tange às relações de poder que atravessam o campo da produção acadêmica, faz-se necessário refletir acerca das diferenças raciais existentes no contexto da pesquisa e escrita científica. Em conformidade com Borba, Silva e Rosa (2019, p. 135), sabe-se que “a porcentagem de professoras negras universitárias é muito pequena, assim como em outros espaços de poder”. Tais reflexões nos conduzem à conclusão da pouca presença de professoras negras no contexto universitário que, conseqüentemente, representa a escassez de desenvolvimento de pesquisas e publicações científicas por parte dessa população.

Nesse sentido, consideramos, por exemplo, que a atual situação de isolamento social imposta pela Covid-19 pode influenciar a produção escrita acadêmica, no que diz respeito aos processos emocionais e afetivos imbricados no ato composicional. Nesse contexto, é ainda importante considerar que, além dos fatores psicológicos subjacentes ao ato composicional, a sobrecarga de trabalho doméstico e acadêmico-profissional acumulada pelas mães, mulheres, professoras universitárias pode ser outro elemento dificultoso da produção escrita em tempos de pandemia, uma vez que aspectos cognitivos e psicológicos podem interferir no processo de geração de ideias e da redação (FLOWER; HAYES, 1981).

### **PATRIARCADO E A IDEOLOGIA DA MATERNIDADE: SER PROFESSORA UNIVERSITÁRIA NO CONTEXTO DA COVID-19**

O trabalho, enquanto categoria ontológica do ser social, torna-se o ponto de partida, em nosso estudo, para a compreensão da produção/reprodução social, a partir das determinações sóciohistóricas que atravessam as vidas humanas (LUKÁCS, 2013), logo, a centralidade do trabalho “permite a formação do ser social, uma nova esfera que se afasta de modo processual das determinações meramente biológicas” (CISNE; SANTOS, 2018, p. 27).

No capitalismo contemporâneo, o trabalho está estruturado em outras dimensões (classe, gênero/sexualidade, raça/etnia, geração etc.) constituídas nas relações de poder, que asseguram às desigualdades sociais de um grupo sobre o outro, e assumem protoformas específicas de acordo com as necessidades impostas pela objetividade. Esta, por sua vez, interfere nos processos de atuação da subjetividade, concedendo ou não privilégios e (in)visibilidades estruturadas nas dimensões supracitadas.

Em nosso estudo, essa discussão nos leva a refletir criticamente sobre gênero e as relações de trabalho, compreendendo o patriarcado enquanto uma estrutura material que regulamenta os modos de ser/viver da sociedade, pois torna-se fundamental na divisão sexual

do trabalho<sup>2</sup> com a finalidade de garantir a continuidade do modo de produção vigente ao estabelecer, sobretudo, por meio do gênero, “relações hierarquizadas entre seres socialmente desiguais” (SAFFIOTI, 2013, p. 119).

Delphy (2009, p. 173) afirma que o patriarcado “designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens”. Para Saffioti (2015), o patriarcado corresponde à expressão do poder político que se sustenta por meio da contradição social e que se justifica mediante a diferença sexual biológica, em outras palavras, “a diferença sexual é convertida em diferença política, passando a se exprimir ou em liberdade ou em sujeição” (SAFFIOTI, 2015, p. 57-58).

Em linhas gerais, acrescentamos ser o patriarcado o poder político do macho (SAFFIOTI, 1987) determinado por um referencial de masculinidade, operando ideologicamente nas relações humanas, e que se constitui sob o controle e a regulação dos corpos e das vidas de mulheres e de outros sujeitos que transgridem as normas de identidade de gênero, tal como das travestis ou mulheres transexuais, ou sexualidades - população LGBTQIA+.

Nessa sequência, a divisão sexual do trabalho torna-se a base material em que a estrutura patriarcal é determinada por meio de normas socioculturalmente construídas, estas por sua vez, naturalizam (efeito da ideologia) quais são os atributos sociais esperados nos modos de ser homem/mulher em sociedade.

Dessa forma, a hierarquização/inferiorização/subalternização de um gênero sobre o outro é produzida a partir de uma compreensão binária de gênero e materializa-se nas relações de trabalho que também são binômias: público - privado. Apesar das desigualdades sociais não acontecerem apenas em razão do gênero, não se pode negar que, em maior ou menor escala, as mulheres, independentemente da classe social ou raça, estão em desvantagem quando se refere ao trabalho doméstico.

O desempenho do trabalho doméstico gratuito ou remunerado como “tarefa de mulher”, no espaço privado, é um atributo do patriarcado que se apoia principalmente na ideologia da maternidade. Dessa forma, a ideologia da maternidade<sup>3</sup> se constitui a partir da compreensão biológica da reprodução por mulheres cis<sup>4</sup> e se estrutura socioculturalmente nas relações de

<sup>2</sup> A divisão sexual do trabalho passa por transformações e não se limita apenas à diferenciação binária do gênero, mas também se estende à sexualidade. A estrutura patriarcal de organização da família burguesa heterossexual pode continuar mantida mesmo com as demais configurações familiares, a exemplo de casais homoafetivos. Nesse sentido, as responsabilidades dentro e fora do espaço doméstico podem continuar a perfazer desigualdades que tenha relação com a reprodução de padrões heteronormativos.

<sup>3</sup> Na sociedade capitalista, a ideologia, em seu caráter mais restrito, também cumpre a função de dirimir conflitos entre classes antagonicas que se sustentam no antagonismo capital - trabalho. Dessa forma, a ideologia da maternidade é um dos pilares fundamentais para a divisão sexual do trabalho (MAGALHÃES; SILVA, 2015).

<sup>4</sup> Em nosso trabalho a designação "cis" parte da seguinte reflexão: “(...) é a partir do gênero que as pessoas recebem o status de humana/ humano, e para que isso seja inteligível, é preciso que ocorra uma coerência entre desejo, sexo, gênero e práticas sexuais. Assim, a cisgeneridade como norma acarreta na desumanização de pessoas trans, uma vez que elas não seguem a coerência desta norma e, por isso, não têm os seus nomes sociais e identidades respeitadas, são excluídas ou marginalizadas em espaços de convívio social, enfrentam dificuldades em relação ao mercado de trabalho, ao acesso

trabalho (público - privado) que regulamentam a responsabilização do trabalho doméstico centralmente às mulheres. Sendo assim:

Desde a sociedade primitiva, com a divisão sexual do trabalho, mulheres e homens passam a desempenhar funções na sociedade [...] Com o capitalismo, o modelo de família nuclear é estruturado, associado a esse fato, há uma “legitimação” do lugar da mulher no setor privado, e um dos discursos mais recorrentes para naturalizar essa “legitimação” é o da maternidade e do trabalho doméstico, é uma consequência também do “ser mãe”, ambas as situações são vivenciadas como “dom/virtude” feminina (BARBOSA SILVA, 2019, p. 51-52).

No que diz respeito à produção acadêmica, a estrutura na qual a universidade se insere obedece aos critérios do sistema neoliberal. Dessa forma, há uma exigência que demanda principalmente tempo de trabalho para a realização da pesquisa. Assim, a produtividade acadêmica também está associada ao sistema capitalista que, por sua vez, mercantiliza a educação ao transformá-la em produto que deve ser consumido por aquelas/es que têm condição de ter acesso a estas discussões.

A ideologia da maternidade torna-se, assim, uma função social que tem a ver com a reprodução social, isto é, as tarefas necessárias para a manutenção da vida - comer, lavar, passar, cuidar, educar etc. - e são executadas predominantemente pelas mulheres cis, independentemente de serem mães ou não, pois estas tarefas são naturalizadas como femininas.<sup>5</sup> Logo, as professoras são interpeladas a ocupar determinada posição social do que se espera ser mulher-mãe na sociedade contemporânea (BARBOSA SILVA, 2019).

Sendo assim, entendemos que a pandemia não é apenas biológica, mas também é gerada, racializada e classista. No entanto, as professoras universitárias, mesmo em condições socioeconômicas privilegiadas, estão subalternizadas à estrutura patriarcal que domina e explora seus corpos e vidas mediante a divisão sexual do trabalho. Nessa perspectiva, a estrutura patriarcal está a serviço do modo de produção capitalista.

Argumentamos que a pandemia biológica permite visibilizar o lócus doméstico como espaço de significação nas relações humanas ao naturalizar práticas objetivas, através de normas socioculturais, que delimitam, sobretudo, às mulheres uma maior exploração da sua força de trabalho, desgastando energia, tempo e planejamento para execução e conciliação do trabalho doméstico, refletindo, assim, na produção acadêmica.

---

à saúde, em relacionamentos afetivos, e até mesmo em níveis humanos básicos e fisiológicos, como no livre acesso e segurança no uso de banheiros públicos” (LEONARDO; ATHAYDE; POCAHY, 2018, p. 6).

<sup>5</sup> A ideologia da maternidade também atribui responsabilidades a qualquer indivíduo que performe determinados enquadramentos de gênero que atendam a expectativa de feminilidade da ideologia dominante do que é ser mulher-mãe.

Posto isto, na seção seguinte expomos o percurso metodológico desta investigação, elencando os procedimentos e métodos da pesquisa, além de delimitarmos o campo, os sujeitos envolvidos e os instrumentos de coleta de dados.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de respostas a um questionário composto por perguntas discursivas e objetivas. O questionário foi elaborado conjuntamente pelos pesquisadores por meio da plataforma *Google Forms* e compartilhado em diferentes redes sociais como: *Facebook*, *WhatsApp* e *Instagram*. Ademais, tal documento foi respondido e compartilhado por diferentes mães, professoras universitárias, que participaram da pesquisa.

Deste modo, cabe destacar que a população estudada se constituiu por 48 professoras-mães<sup>6</sup> de diferentes instituições de ensino superior, as quais, em tempos de pandemia, precisam conciliar família e carreira. Nesse contexto, buscou-se estudar como estas profissionais estão lidando com a produção acadêmica em tempos de Covid-19, ou seja, buscamos compreender como o momento atual tem interferido, ou não, na vida profissional - produção acadêmica - das docentes que colaboraram com a investigação.

No questionário elaborado, o qual esteve disponível no período de 17 de junho a 17 julho de 2020, buscamos coletar as seguintes informações: (1) IES de atuação; (2) curso no qual leciona; (3) idade; (4) número de filhos; (5) idade dos filhos; (6) se dividem os cuidados dos filhos com terceiros; (7) raça/cor; (8) estado civil; (9) pesquisas e produções acadêmicas no momento atual; (10) quais as possíveis dificuldades, caso haja, no momento da produção acadêmica; e (11) quais gêneros as doentes têm produzido durante o isolamento social.

Vale destacar que a pesquisa não ofereceu risco às participantes, uma vez que as colaboradoras, voluntariamente, manifestaram concordância com a publicação dos resultados. Em outros termos, foi solicitado às respondentes, usando a lógica de questionário, que indicassem sua aceitação em participar da investigação, bem como se estavam de acordo com a divulgação final das repostas coletadas, evidenciando, ainda, que seus dados pessoais (nomes, por exemplo) não seriam posteriormente compartilhados neste manuscrito final.

Posto isto, no intuito de entender a temática em estudo, esta pesquisa trata-se de uma investigação de natureza quanti-qualitativa. Para tanto, utilizamos a metodologia de pesquisa mista (SAMPLERI; COLLADO; LUCIO, 2006; DEVECHI; TREVISAN, 2010; GOLDENBERG, 2004), que nos possibilitou uma interpretação dos dados mais gerais (quantitativos) e subjetivos (qualitativos), estes últimos caracterizados como “meio para explorar e para entender

---

<sup>6</sup> Obviamente, indo de encontro ao pensamento positivista, tal amostra não representa a totalidade de professoras mães (universitárias) espalhadas em território nacional, cabendo, portanto, o desenvolvimento de futuros estudos, mais abrangentes, acerca da discussão aqui proposta.

o significado que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano” (CRESWELL, 2010, p. 43).

Posto isto, ambos os métodos (quantitativos e qualitativos) são complementares e, nesse sentido, optamos “pela utilização das duas abordagens a fim de aproveitar as qualidades de cada uma delas para abranger a máxima compreensão da realidade estudada” (THESING; COSTA, 2017, p. 1843), levando, assim, a compreender melhor determinado fenômeno.

Ao final da coleta de dados, as respostas obtidas foram organizadas, estruturadas em gráficos e analisados, conforme apresentamos a seguir.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo objetivou investigar a realidade das professoras-mães no que diz respeito à produção acadêmica em tempos de Covid-19. Nesse contexto, a realidade investigada se refere às mulheres que, mesmo com o isolamento social, além da divisão do tempo entre cuidar dos filhos e afazeres domésticos, precisam seguir com suas tarefas laborais, como, por exemplo, a produção acadêmica requerida no âmbito da universidade.

Assim sendo, participaram da pesquisa 48 professoras de diferentes cursos e universidades, com números mais representativos as seguintes instituições: Universidade Federal de Alagoas (24 professoras), Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (8 professoras), Universidade Federal de Sergipe (4 professoras) e Universidade Estadual de Alagoas (4 professoras). Cabe ainda destacarmos que as respostas restantes dizem respeito às professoras das demais instituições<sup>7</sup> que também colaboraram com a investigação.

Os cursos nos quais as colaboradoras atuam como professoras podem ser organizados da seguinte maneira: Letras<sup>8</sup> (29), Pedagogia (5), Agronomia (3), Psicologia (3), Medicina veterinária (2), Educação física (1), Filosofia (1), Zootecnia (1) e Direito (1)<sup>9</sup>; cursos esses concentrados, em sua grande maioria, nas Ciências das Linguagens e Artes, Ciências Médicas e da Saúde, Ciências exatas e biológicas e que, como dados, também serão levados em consideração, seja de modo quantitativo, seja de modo qualitativo, ao longo desta seção, afinal, uma investigação que contemple uma análise mista oferece maior possibilidade de aproveitamento dos diferentes enfoques (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006).

<sup>7</sup> São elas: Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Universidade Federal do Tocantins, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de Montes Claros, Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, Unidade Acadêmica de Garanhuns, Univiçosa e Universidade Federal do Amazonas.

<sup>8</sup> Habilitações: português, inglês, espanhol e francês.

<sup>9</sup> Cabe destacar que duas das colaboradoras optaram por não responder a esta pergunta.



Além das universidades e cursos de atuação de cada professora, fizemos também um levantamento relativo às faixas etárias das docentes. Entre as professoras que aceitaram participar desta investigação, 2% encontram-se na faixa etária dos 20 aos 30 anos e 32,7% possuem idade entre 30 e 40. Ademais, 10,2% fazem parte do grupo de docentes com mais de cinquenta anos e, por fim, 55,1% se enquadram entre 40 e 50 anos de idade. Após evidenciadas e comparadas as faixas etárias das colaboradoras, constatamos uma significativa variação entre as idades, uma importante informação, em especial se comparada com as informações seguintes: “Número de filhos das docentes” e “Idade dos filhos”.

Isso nos leva a problematizar o trabalho exercido pelas colaboradoras da pesquisa no seio familiar (observando-o como espaço socialmente reconhecido como não remunerado). Ademais, com a existência de filhos, as atribuições, de modo geral, aumentam consideravelmente, isso porque se somam as horas do emprego formal com as horas de cuidados com os filhos<sup>10</sup> e demais atribuições domésticas.

Por sua vez, a reprodução social da força de trabalho<sup>11</sup> nos ajuda a analisar a triangulação dos dados - estado civil, cuidado com os filhos e as dificuldades na produção acadêmica – para compreender a dinâmica da vida das mulheres mães e professoras universitárias em tempos de pandemia (Covid-19). Essa discussão tem a ver com a divisão sexual do trabalho na qual o espaço público e o privado, respectivamente, são determinados pela ideologia dominante do heteropatriarcado<sup>12</sup> “que toma a prole como responsabilidade privada, exigida pela sociedade à mulher em primeira instância, seja qual for sua posição na sociedade e o quanto ocupe seu tempo no espaço público” (MAGALHÃES; SILVA, 2015, p. 235).

Em nossa pesquisa consideramos que esta divisão sexual do trabalho, apoiada numa perspectiva binária e hierárquica de gênero/sexualidade, apoia-se na instituição da família monogâmica e heterossexual como locus em que as desigualdades de gênero se estabelecem e legitimam a exploração e discriminação das mulheres por meio do trabalho doméstico. Assim sendo, para dar continuidade à análise, no gráfico a seguir, as professoras que colaboraram com esta investigação assinalam seu estado civil:

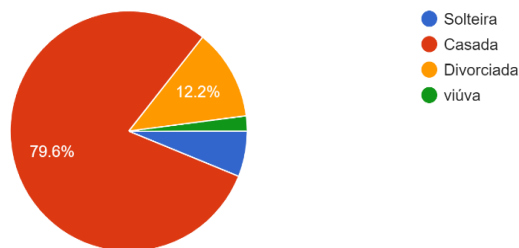
<sup>10</sup> Vanalli e Barhan (2012) argumentam que o cuidado com os filhos ultrapassa os cuidados com as crianças, propriamente dito. Além disso, o trabalho remunerado ou não remunerado acaba sendo ainda mais complicado às professoras que possuem filhos pequenos - como é caso da grande maioria das docentes que colaboraram com esta investigação -, pois as crianças precisam de maiores cuidados por parte da mãe (NOOR, 2002).

<sup>11</sup> Entendemos por reprodução social todos os trabalhos envolvidos para manutenção da vida (alimentação, educação, cuidados com filhos/idosos, descanso etc.) dos seres humanos e que acontece através do trabalho doméstico (remunerado ou não). Nesta pesquisa discutimos a execução do trabalho gratuito no espaço doméstico que é realizado majoritariamente pelas mulheres.

<sup>12</sup> Há um regime político-sociocultural centralizado no homem e na heterossexualidade compulsória como formas de organização preponderante da vida sociedade.

**Gráfico 1:** Estado civil das docentes.

Estado Civil  
49 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

O estado civil de 79,6% das mulheres que responderam ao questionário corresponde à “casada”. Outrossim, 12,2% assinalam como estado civil a opção “divorciada” e 6,1% assinalam como solteiras. As mulheres divorciadas e solteiras também estão na mesma dinâmica das relações de trabalho contemporâneas de exploração e discriminação. A maioria destas mulheres, na condição de mães, permanecem responsáveis pela manutenção dos cuidados e criação das/os filhas/os e vivenciam as dificuldades e os limites em sua profissionalização devido, principalmente, à grande demanda de tarefas domésticas:

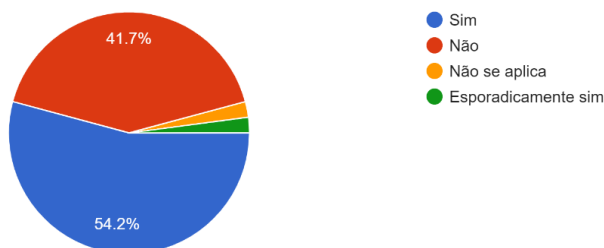
Assim, se as mulheres casadas são as que sofrem diretamente a “opressão comum” fundada na divisão do trabalho, as restrições sofridas pelas divorciadas e pelas solteiras com filhos expõem o caráter sistêmico e institucionalizado da opressão: elas vivenciam os custos ampliados da ruptura com os padrões de dependência vigentes, sendo essa ruptura voluntária ou não (BIROLI, 2018, p. 30).

Em nosso questionário, os dados correspondentes ao “cuidado dos filhos” e às “dificuldades da produção acadêmica” nos chamam atenção, pois, no primeiro caso, 54,2% destas mulheres dividem este cuidado com “alguém”, e 41,7% não dividem estes cuidados. Todavia, as mulheres que compreendem esse universo de 54,2% dos dados não mencionam se essa divisão de cuidados com as/os filhas/os é realizada por seu/sua cônjuge ou trabalhadora doméstica (babá, diarista, mensalista etc.), como podemos observar no gráfico abaixo:

**Gráfico 2:** Divisão do cuidado do/s filho(s).

Você tem dividido o cuidado de seu (s) filho (s) com alguém durante o período de pandemia?

48 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

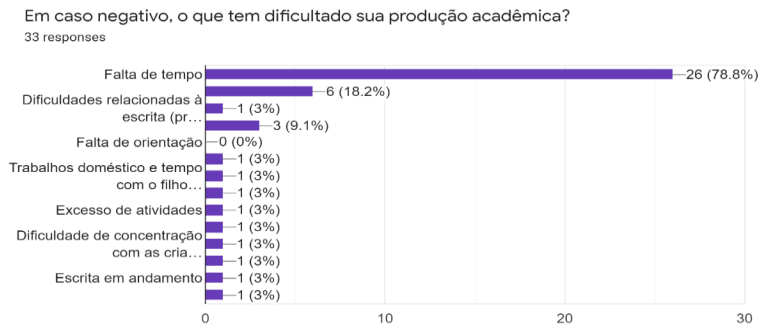
Independentemente do período de pandemia viral (Covid-19), o cuidado com as crianças, na maioria das vezes, quando não é realizado pela mãe é terceirizado para a(s) avó(s) ou para a trabalhadora doméstica (babás ou não).

O novo coronavírus (Covid-19) trouxe consigo a exposição do trabalho doméstico e do cuidado com as crianças realizado pelas mulheres, seja de forma gratuita, seja de forma remunerada, como relata a professora Hildete de Melo em seu artigo “*A vida das mulheres em tempos de pandemia*”<sup>13</sup>, que foi publicado em abril de 2020. Em outras palavras, a pandemia também é social e tem gênero (mulher cis ou trans).

Apesar de mais de 54% das mulheres terem a força de trabalho de “alguém” para dividir este cuidado com as crianças, o gráfico a seguir nos mostra que mais de 78% destas professoras- mães possuem dificuldades no desenvolvimento da produção acadêmica em razão da “falta de tempo”. A respeito disso, Magalhães e Silva (2015, p. 239) argumentam que “o tempo ‘naturalmente’ dedicado ao lar e aos filhos é obstáculo central ao questionamento da suposta inferioridade feminina”. Posto isto, na sequência, apresentamos um gráfico contendo as respostas de algumas destas mulheres, as quais dispõem ou não de “alguém” para realizar o trabalho de cuidado com as/os filhas/os.

<sup>13</sup>O artigo pode ser acessado e lido através link a seguir: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/16797.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2021.

### Gráfico 3: O que tem dificultado sua produção acadêmica?



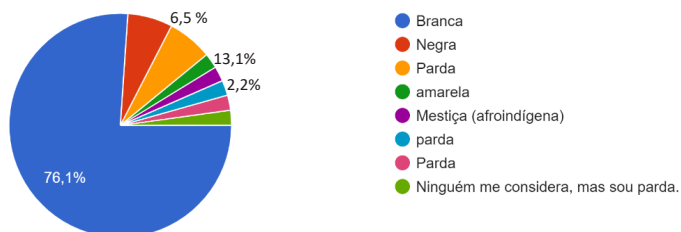
Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Das 48 mulheres que responderam ao questionário, apenas 5 se propuseram a dizer o porquê das dificuldades de produtividade acadêmica.<sup>14</sup> Estas têm em comum as atividades domésticas (sejam executadas por elas ou não) e o cuidado com os filhos como principais impedimentos para a realização. Estas respostas refletem o funcionamento da divisão sexual do trabalho que constitui estruturas desiguais de responsabilização pelo trabalho doméstico (BIROLI, 2018).

Mesmo em uma posição econômica e profissional privilegiadas, as demandas sociais de ser mulher, mãe e professora universitária de instituições públicas enfatizam que, em uma sociedade estruturada no capitalismo e no heteropatriarcado, a exploração das mulheres no espaço doméstico tem a divisão sexual do trabalho como pressuposto para a organização social e hierarquização/domínio dos corpos das mulheres com o objetivo de assegurar o funcionamento das estruturas supracitadas por meio da família, do casamento e da maternidade.

### Gráfico 4: Cor de pele.

Você se considera:  
46 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

<sup>14</sup> Outras respostas apresentadas pelas mães que participaram da pesquisa foram: (1) atividades domésticas, aulas EAD para crianças e que têm exigido um dispêndio de tempo muito grande; (2) quantidade de trabalho na modalidade remota, a sobreposição das atividades domésticas e a tristeza de acompanhar as notícias do mundo sobre condições da humanidade; (3) dificuldade de concentração com as crianças por perto; (4) necessidade de divisão de laptop com a filha para que ela tenha aula; (5) necessidade de cozinhar, lavar, passar; (6) falta de espaço para concentração. São muitas atividades (e de muitas pessoas) num só espaço.

Como é possível verificar no gráfico 7, o número de mães professoras universitárias brancas (76,1%), em comparação com o quantitativo de mães pardas (13,1%), negras (6,5%), afroindígenas (2,2%) e amarelas (2,2%), é muito maior. Tais disparidades observadas nos dados apresentados refletem a exclusão, a desigualdade social e racial em relação à atuação negra docente e afroindígena na academia. Sobre este aspecto, Silva e Euclides (2018) esclarecem que há pouca ou quase nenhuma presença do segmento racial negro em graus superiores. Nas palavras das autoras, “em determinadas situações, a representação de negros e negras encontra-se direcionada a cursos de menor prestígio na sociedade” (SILVA; EUCLIDES, 2018, p. 53). Nesse sentido, podemos compreender que a pouca presença dos negros matriculados em cursos superiores, conseqüentemente, acarreta a diminuição de oportunidades de atuação docente negra no espaço universitário.

Conforme Gonçalves (2018, p. 360), “as universidades brasileiras vivem, portanto, uma espécie de ‘apartheid racial’, um confinamento acadêmico”. De acordo com a autora, essa é uma questão política e histórica, já que na sociedade há uma espécie de contrato sexual/racial que reserva “às mulheres negras, os degraus inferiores da sociedade e só lhes é permitido ocupar os mesmos espaços de brancas e brancos apenas na condição de servi-los” (GONÇALVES, 2018, p. 362).

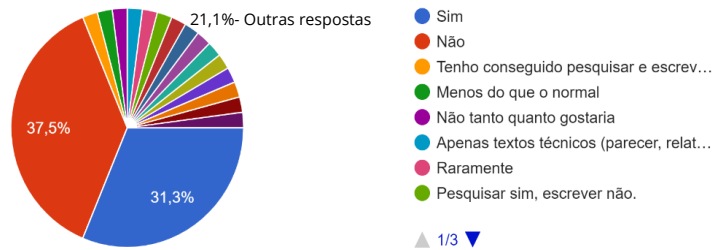
Tal invisibilidade da mulher negra no espaço acadêmico nos convida a refletir sobre fatores históricos relacionados à segregação e ao mito da democracia racial na sociedade. Infelizmente, vivemos em um mundo caracterizado por uma forte “divisão racial do trabalho” (GONÇALVES, 2018, p. 362) que, por sua vez, destina à mulher negra funções de subserviência ao branco, tais como: faxina, cozinha, cuidados de crianças, entre outros. Em uma sociedade multirracial e multiétnica como o Brasil, a pouca presença da professora negra e parda no contexto acadêmico chama a atenção e comprova, uma vez mais, que vivemos em um país excludente, preconceituoso e desigual.

Além do mais, a escassa presença da mulher negra na universidade influencia, diretamente, na dificuldade de produção e publicação acadêmica. Em tempos de Covid-19, essa situação tende a se agravar ainda mais, pois além de haver poucas mulheres negras ocupando as academias na função de docentes, quando se enquadram na categoria de mães, precisam, na maior parte das vezes, assumir os cuidados dos familiares e das tarefas de casa. A pesquisa e a produção de textos acadêmicos de mães, professoras universitárias, em tempos de Covid-19 serão discutidos, com mais profundidade, na seção a seguir.

**Gráfico 5:** Pesquisa e produção de textos acadêmicos em tempos de Covid-19.

Você tem conseguido pesquisar e produzir textos acadêmicos?

48 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Na análise do gráfico 9, foi possível observar uma porcentagem aproximada entre as mães que não estão conseguindo pesquisar e escrever (37,5%) e as participantes que manifestaram desenvolver atividades investigativas e produções escritas em tempos de Covid-19 (31,3%). Entretanto, verificamos também uma soma percentual significativa de outras respostas apresentadas pelas mães professoras (21,0%): 1- Menos do que o normal; 2- Não tanto como gostaria; 3- Raramente; 4- Às vezes sim, mas tenho pouco tempo para me dedicar em razão das demandas domésticas e cuidados com minha filha; 5- Nem sempre. Com muita dificuldade; 6- Em parte, mas num ritmo muito abaixo do normal. Outras mães ainda manifestaram estar conseguindo produzir apenas trabalhos técnicos (6,3%), tais como: pareceres, relatórios, correções de trabalhos de alunos, avaliações de dissertações, entre outros. No entanto, para estas últimas, a produção de artigos acadêmicos não está sendo realizada durante o período de isolamento social.

O que podemos concluir em relação ao número de mães que não estão conseguindo produzir textos acadêmicos, somado ao quantitativo de participantes que têm encontrado dificuldades na realização dessas produções (52,3%), é que, de fato, o momento atual tem dificultado, enormemente, as atividades de pesquisa e escrita das mães que são professoras universitárias.

Em relação a essa questão, entendemos que a falta de apoio externo para a realização das funções domésticas e do cuidado dos filhos, neste período de Covid-19, tem sido um dos maiores agravantes dessas barreiras. Segundo Oliveira (2020), no contexto de pandemia muitas mulheres que são mães precisaram assumir jornadas duplas ou triplas de trabalho, o que acabou por comprometer, significativamente, sua produção acadêmica. Nas palavras da autora, “mesmo no caso de pesquisadoras e cientistas, trabalhadoras privilegiadas em termos de garantia da renda frente à maior parcela das mulheres-mães, manter-se produtiva acadêmica-cientificamente sem comprometer a qualidade da maternagem é um desafio” (OLIVEIRA, 2020, p. 159). Logo, a divisão sexual do trabalho que, na opinião da autora, “já era desigual”, tende a se agravar durante o contexto pandêmico.

Nesse sentido, é de fundamental importância trazer à tona discussões antigas em torno das atitudes machistas e sexistas que, infelizmente, ainda subsistem em nossa sociedade. Conforme apontam os dados coletados para essa pesquisa, 79,6% das mães professoras universitárias são casadas. Tais dados nos levam ao questionamento acerca da falta de apoio que essas mães encontram nos interiores de seus lares para a realização das atividades domésticas e cuidados dos filhos, uma vez que a maior parte delas tem um companheiro. De acordo com Trindade e Sussai (2019, p.49), isso ocorre devido ao fato de que “as mulheres ainda permanecem responsáveis pela maior parte do trabalho doméstico não remunerado. Enquanto isso, os homens pouco se responsabilizam por tal, sendo sua participação, muitas vezes, considerada uma simples “ajuda””.

**Gráfico 6:** Gêneros acadêmicos produzidos por mães professoras da universidade em tempos de isolamento social.



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Em relação aos gêneros acadêmicos produzidos por mães, professoras universitárias, durante o período de isolamento social, destaca-se a elaboração de artigos acadêmicos (58,3%), pareceres (43,8%) e relatórios (37,5%). Algumas participantes da pesquisa encontram-se também em fase de produção de teses (12,5%) e, em percentual menor, algumas mães têm trabalhado com orientações de trabalhos acadêmicos (3,1%), correções de materiais (3,1%), produções de capítulos de livros (3,1%), entre outras produções acadêmicas.

Tais dados nos mostram que as professoras-mães, independentemente do gênero ao qual vêm se debruçando, seguem produzindo em tempos de pandemia. Isso no leva, então, a refletir sobre a necessidade constante da produtividade no espaço da pesquisa, a qual, no caso das colaboradoras, ainda se apresenta concomitantemente em torno de outras funções, como, as familiares, as domésticas, as sociais etc.

Nesse sentido, sobre a produção acadêmica no contexto universitário, esta constitui-se como parte das exigências atribuídas à função do professor, uma vez que a atividade de pesquisa, juntamente com o ensino e a extensão, integra um dos importantes pilares da formação

acadêmica docente e discente na universidade. Além do mais, os professores universitários são, periodicamente, avaliados em relação às atividades de ensino, pesquisa e extensão que desempenham, por diferentes instâncias: coordenações, direções, reitorias, CAPES, CNPq, entre outras, principalmente, se desejam progredir em seus relatórios funcionais e/ou participar da seleção de editais lançados por diferentes órgãos governamentais, para orientação de alunos em atividades de pesquisas, monitorias, residências e estágios remunerados.

Assim, portanto, as produções acadêmicas não podem ser interrompidas em função da Covid-19 e, as mães que têm conseguido levar a cabo essas produções, durante esse período, provavelmente, contam com uma rede de apoio para cuidar das tarefas de casa e dos filhos, possuem filhos mais velhos e um pouco mais independentes, gozando de saúde física, mental e emocional que permita o desenvolvimento da atividade, considerando a complexidade envolvida no ato de produção composicional de gêneros acadêmicos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O aparecimento da pandemia biológica (Covid-19), como podemos constatar, atingiu a inúmeros segmentos da sociedade. Nesse sentido, a crise, que extrapola os problemas sanitários, chegou também ao sistema educacional, e as universidades brasileiras, de modo geral, foram afetadas, em especial no que diz respeito ao ensino e às produções acadêmicas. Por conseguinte, tal cenário nos permite analisar que a organização da vida em sociedade - estruturada no sistema capitalista/patriarcal - contribui para que determinados grupos estejam em maior vulnerabilidade, bem como, possuam maior exigência e sobrecarga laboral em tempos de isolamento social.

Ademais, como é sabido, essa exigência (e sobrecarga) do sistema capitalista na educação atinge exponencialmente as mulheres, porque em nossa sociedade, a divisão de trabalho doméstico e o cuidado com a família são desigualmente postos, pois não são vistos como categorias políticas centrais para a vida em sociedade (BARBOSA SILVA, 2019). Assim, por meio da análise dos dados, buscamos investigar como as professoras universitárias mães estão lidando com a atividade de produção acadêmica e a (grande) demanda de trabalho no espaço doméstico.

Nesse sentido, a maioria das respostas obtidas no questionário recuperam como a ideologia da maternidade opera para justificar a sobrecarga de trabalho doméstico, que impede estas professoras universitárias de uma melhor produtividade acadêmica, ou, até mesmo, reflete a ausência desta produção. Sendo assim, acreditamos que a pesquisa atendeu aos seus objetivos iniciais, isso porque, por meio da análise dos dados, foi possível constatar como as professoras mães têm vivenciado as atividades de produção acadêmica em meio à conjuntura contemporânea da emergência da pandemia biológica, bem como compreender melhor as



relações de trabalho doméstico desenvolvidas pelas participantes da pesquisa e o processo de produção textual enquanto atividade que requer uma grande sobrecarga cognitiva.

Ao considerarmos a discussão teórico-analítica, entendemos que apenas por meio de um projeto revolucionário de transformação social, que contemple a realidade de todas as mulheres, encontraremos alternativas para radicalizar com o sistema capitalista – patriarcal, que se apropria e explora o corpo das mulheres, principalmente por meio de justificativas biológicas (maternidade), para organizar as relações de trabalho em sociedade, a exemplo do que analisamos em nosso estudo sobre a situação das professoras-mães universitárias. Com este trabalho temos por objetivo reiterar o funcionamento da ideologia da maternidade e a exploração do trabalho doméstico não remunerado enfrentado pelas professoras de ensino superior no contexto da pandemia em 2020.

No que tange à mãe, professora universitária negra ou afro-indígena, observamos a sua escassa presença na universidade, o que, conseqüentemente, influencia no número reduzido da produção acadêmica. Tais problemáticas ecoam na invisibilidade da mulher negra ou afro-indígena como produtora do conhecimento e, uma vez mais, consolidam os sistemas injustos de poder, exclusão social e desigualdade racial na esfera acadêmica.

Por fim, sugerimos o desenvolvimento de novas investigações em torno do tema aqui discutido como meio de possibilitar a toda sociedade refletir acerca do dia a dia das professoras que atuam em IES, bem como daquelas que fazem parte da educação básica; ou seja, como as professoras mães, de modo geral, estão vivenciando o isolamento social e o compromisso de seguir com suas atividades cotidianas (remuneradas ou não remuneradas), o que pode gerar, conseqüentemente, outras indagações pertinentes ao contexto pandêmico atual.

## REFERÊNCIAS

ALVES, M. F.; MOURA, L. O. B. M. A Escrita de Artigo Acadêmico na Universidade: Autoria x Plágio. **Ilha Desterro**, Florianópolis, v. 69, n. 3, p. 77-93, Dec. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S217580262016000300077&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217580262016000300077&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 20 jun. 2020.

BARBOSA SILVA, S. **A mulher no discurso da publicidade e os efeitos de sentido para a promoção do capital**. Curitiba: Appris, 2019, 133p.

BIROLI, F. **Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BORBA, C. A.; SILVA, F.M.; ROSA, S. Y. S. Negra e academia: a solidão no diálogo entre pares nos espaços de poder. **Núcleo de estudos de gênero: Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, V.32, n. 2, p. 129-145, 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/53010>. Acesso em: jul. 2020. <https://doi.org/10.14393/CEF-v32n2-2019-7>.

CISNE, M.; SANTOS, S. M. M. **Feminismos, diversidade sexual e serviço social**. São Paulo: Cortez, 2018.

COELHO, A. L.; ELIAS, I. V., SANTOS, V. S. A participação das mulheres na produção acadêmica da área de relações internacionais no Brasil. **Mural Internacional**, Rio de Janeiro, v.10, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/muralinternacional/article/view/37384>. Acesso em: jul. 2020.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

DELPHY, C. Patriarcado. In.: HIRATA, Helena *et al.* (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

DEVECHI, C. P. V.; TREVISAN, A. L. Sobre a proximidade do senso comum das pesquisas qualitativas em educação: positividade ou simples decadência? **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 43, p. 148-201, 2010.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONÇALVES, R. A invisibilidade das mulheres negras no ensino superior. Poíesis, **Tubarão**, v.12, n. 22, p. 350-367, 2018. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/index>. Acesso em: 20 jun. 2020.

LEONARDO, R. C.; ATHAYDE, T.; POCAHY, F. A. O conceito de cisgeneridade e a produção de deslocamentos nas práticas feministas contemporâneas. In: **V Seminário Internacional Enlacando Sexualidades – 10 anos**. 2016. Anais... Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO\\_EV072\\_MD1\\_SA2\\_ID903\\_17072017205519.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA2_ID903_17072017205519.pdf). Acesso em: 14 dez. 2021.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social** 2. Trad. Nélio Schneider, Ivo Tonet, Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo, 2013.

MAGALHÃES, B.; SILVA, G. Capitalismo e patriarcalismo: trabalho doméstico não remunerado. In: VEDDA, Miguel; COSTA, G.; ALCÂNTARA, N. (Orgs.). **Anuário Lukács 2015**. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.

NOOR, N. M. Work-family conflict, locus of control, and women's well-being: tests of alternative pathways. **The Journal of Social Psychology**, 142(5), 645-662. 2002.

OLIVEIRA, A. L. A espacialidade aberta e relacional do lar: A arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia da Covid-19. **Revista Tamoios**, [S.l.], v. 16, n. 1, maio 2020. ISSN 1980-4490. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/>

tamoios/article/view/50448/33479. Acesso em: 28 jul. 2020. doi:<https://doi.org/10.12957/tamoios.2020.50448>.

**QUE HORAS ELA VOLTA?** Direção de Anna Muylaert. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2015, 114 min.

SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, H. **A mulher na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. São Paulo: Mc Graw Hill, 2006.

SILVA, J.; EUCLIDES, M. S. Falando de gênero, raça e educação: trajetórias de professoras doutoras negras de universidades públicas dos estados do Ceará e do Rio de Janeiro (Brasil). **Educar em Revista**, v. 34, p. 51-66, 2018.

THESING, M. L. C.; COSTAS, F. A. T. A pesquisa em educação: aproximações iniciais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 12, n. 3, p. 1839-1853, 2017.

TRINDADE, N.; COVRE-SUSSAI, M. A transgeracionalidade do papel de gênero e a condição feminina entre mãe e filha. **Plural**, v. 26, n. 1, p. 46-78, 5 jul. 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/159743>. Acesso em: 20 jun. 2020. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2019.159743>.

VANALLI, A. C. G; BARHAM, E. J. Após a licença maternidade: a percepção de professoras sobre a divisão das demandas familiares. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 1, p. 130-138, 2012.

Recebido para publicação em: 4 ago. 2021.

Aceito para publicação em: 15 dez. 2021.